ARENA CONTA ZUMBI

Musical em dois atos de G. Guarnieri – Augusto Boal – Edu Lobo
TEATRO DE ARENA DE SÃO PAULO

PRIMEIRO ATO

RITMO: ATABAQUE, BATERIA, TODOS OS ATORES ENTRAM E CANTAM. OS ATORES NÃO SAEM NUNCA DE CENA ASSUMINDO OS SEUS DIFERENTES PERSONAGENS DIANTE DO PÚBLICO.

1

O elenco do Arena começam a cantar:

1 – O Arena conta a história
pra você ouvir gostoso,
quem gostar nos dê a mão
e quem não, tem outro gozo.

2 – História de gente negra
da luta pela razão,
que se parece ao presente
pela verdade em questão,
pois se trata de uma luta
muito linda na verdade:
é luta que vence os tempos,
luta pela liberdade!

3 – A história que o Arena conta
É a epopéia de Zumbi;
tanto pró e tanto contra
juro em Deus que nunca vi.

4 – Os atores tem mil caras
fazem tudo neste conto
desde preto até branco
direitinho ponto por ponto.

5 – Há lenda e há mais lenda
há verdade e há mentira
de tudo usamos um pouco
mas de forma que servira
a entender nos dias de hoje
quem está com a verdade,
quem está com a verdade,
quem está com a mentira.

2

Há lenda e há mais lenda
há verdade e há mentira,
de tudo pegamos um pouco,
mas de forma que servira
A entender no dia de hoje
quem está com a verdade
quem está com a verdade
quem está com a mentira.

(Os atores se acomodam em cena e as frases seguintes são ditas em quase escuridão, sussurradas).

Tem rei no açoite?
Tem rei.
Tem rei lutando?
Tem rei.
Tem negro apanhando?
Tem lei.
Tem gente brigando?
Epa rei, meu pai.
É Zambi?
Zambi no açoite.

ZAMBI NO AÇOITE

É Zambi no açoite, êi, êi, é Zambi
E Zambi, tui, tui, tui, tui, é Zambi
É Zambi na noite, êi, êi, é Zambi
E Zambi, tui, tui, tui, tui, é Zambi (repetir durante o texto seguinte)

O número de mortos na campanha de Palmares – que durou cerca de um século – é insignificante diante do número de mortos que se avolumam, ano a ano, na campanha incessante dos que lutam pela liberdade. Ao contar Zambi prestamos uma homenagem a todos aqueles que, através dos tempos, dignifica o ser humano, empenhados na conquista de uma terra da amizade onde o homem ajuda o homem.

Vem filho meu, meu capitão.
Ganga Zumba, liberdade, liberdade
Ganga Zumba, vem meu irmão.
É Zambi morrendo, êi, êi, é Zambi
É Zambi, tui, tui, tui, tui, é Zambi
Ganga zumba, êi, êi, êi, vem aí
Ganga zumba, tui, tui, tui, é Zambi.

(Entra um cantador – o papel do desempenhado indiferentemente por todos os atores)

CANTADOR:

Feche os olhos e imagine
Viver em mil e seiscentos
em plena terra africana
vendo os maiores portentos
Havia guerra e mais guerra
entre pessoal de lá,
era gente de Zambi que só queria lutar:
É assim que conta a História
que num feio navio negreiro

TODOS

Rei Zambi tão afamado, viajava prisioneiro

(Os atores jogam-se no chão simulando um barco. Remam)

3

CORO:

Êi, Zambi! Êi, Zambi! Êi, Zambi!
Zambi no açoite!
Êi, Zambi!
Zambi perdido no mar.

Êi, Zambi!
É noite Zambi!
ZAMBI: (de pé com as mãos amarradas às costas, no meio do barco) – Quebro as pontes, derrubo as velas, arrebento o mundo.

ZAMBI:
- Êi, Zambi!
Luanda, Luanda!
- Cadê seu filho, Zambi?
Ficou em Luanda, ficou cercado, sozinho lutando.
- Cadê seu neto, Zambi?
Ganga Zona seu nome, nem mesmo gente inda é. É dor irmão. Que faz esses negros parado, que faz que não quebra esse bojo e atira tudo no mar?

CORO:
- É o banzo, Zambi, é o Banzo.
É o Banzo, é o banzo, é o banzo
Luanda, Luanda
Ai, sinto o cheiro da mata
das terras de lá
Luanda,
Luanda, cadê Luanda,
aonde está, aonde está
Cadê Luanda, aonde está

4

Quebra o mastro
Quebra a vela
Quebra tudo que encontrá
Quebra a dor
Quebra a saudade
Quebra tudo até afundá

5

MERCADO – MERCADOR APREGOA SEU PRODUTO

MERCADOR: olha o nego recém-chegado. Magote novo, macho e fêmea em perfeito estado de conservação. Só vendo moço e com forças. Para serviço de menos empenho tenho os mais fracos e combalido, pela metade do cobrado. Quinze mil réis o são, sete mil e quinhentos os estropiados. Escravo angolano purinho. Olham o escravo recém-chegado, magote novo, macho e fêmea cantador.

CANTADOR: assim é que conta a história, que nas terras de um senhor, sentiu Zambi afamado, o chicote do feitor.

(TRÊS ATORES REVEZAM-SE NA DESCRIÇÃO CIENTÍFICA, SLAIDES ILUSTRATIVOS SÃO MANIPULADOS POR UM QUARTO ATOR; UM QUINTO ARRANJA A TELA)

6

1 – Se desagradava ao branco
2 – Tronco.
3 – Pescoço, pés e mãos imobilizados entre dois grandes pedaços de madeira retangular.
2 – Se houvesse ofensa mais grave.
3 – Viramundo.
1 – Pequeno instrumento de ferro que prendia pés e mãos do escravo forçando-o a uma posição incômoda durante vários dias.
3 – Se a ofensa requeria castigo mais prolongado.
1 – Cepo.
2 – Longo toro de madeira que o negro deveria carregar à cabeça preso por uma corrente ao tornozelo.
1 – Se fugisse.
2 – Libambo.
3 – Argola de ferro que rodeava o pescoço do negro com uma haste terminada por um chocalho.
2 – Ou então a gargalheira.
3 – Ou golilha.
1 – sistema de correntes de ferros que impedia os movimentos.
3 – Se furtasse.
1 – Prendiam-lhe na cara uma máscara de folha de Flandres fechado no occiput por cadeados e penduravam-lhe nas costas uma placa de ferro com os seguintes dizeres “Ladrão”.
2 – O “Ladrão e Fujão”.
3 – Se o senhor queria obter uma confissão do negro apertava os seus polegares com os anginhos.
2 – Dois anéis de ferro que diminuíam de diâmetro a medida em que se torcia um pequeno parafuso provocando-lhe dores horríveis.
1 – Nas falhas mais graves o negro era supliciado publicamente nos pelourinhos da cidade com o...
2 – Bacalhau.
3 – Um chicote especial de couro cru.

7

ATOR 4 – Não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais parecido à cruz e a paixão de Cristo do que o vosso.
TODOS – Padre Antônio Vieira.
ATOR 5 – E foi através desses instrumentos engenhosos que se persuadiu o negro a colaborar na criação das riquezas do Brasil.

FUGA

1 – Zambi, êi Zambi.
2 – Cadê Zambi?
3 – Onde está?
4 – Curou as feridas.
5 – Tomou fôlego.
6 – Estufou o peito.
7 – Partiu.
1 – Zambi fugiu.
TODOS – Zambi fugiu.

NARRADOR: Negros de todos os lugares procuravam as matas fugindo desesperados. Horror a chibata, ao tronco, às torturas. Buscavam no desconhecido um, futuro sem senhor. Enfrentavam todo o perigo. Fome, sede, veneno, flecha dos índios, capitães do mato. Agonia pela liberdade. Idéia de ser livre.

NEGROS NAS MATAS

8

NICO – Não quero ser livre. Ser livre pra que?
1 – Quieto Nico, tú vem cum nóis.
NICO – Pra que? Me diz. Pronde é que vão?
2 – Pra longe, pra num sei onde.
NICO – Pois eu fico. No menos sei onde estou.
3 - Tú vem cum nóis que braço faz falta.
NICO – Vou coisa nenhuma. Ter muita querença dá sempre em bolo.
9 – Quem é negro tem sua sorte que é essa de tai de escravo.
5 – Coisa nenhuma, sorte de negro é ganhar a mata, plantá, construir cidades, seus reis, sua nação.
NICO – Quem muito quer cai em desgraça. Deixa de ser tão querençoso, mano. Aqui se come, se bebe, se tem teto pra dormir. Negro ladino consegue escapar da chibata e até que a Sinhá daqui não é das mais malvadas.
6 – Cala a boca, negro, tu já perdeu a vontade?
NICO – Vontade eu tenho de saber de mim.
7 – Melhor o desconhecido do que essa prisão.
NICO – Melhor se saber do que se arriscar. O que é que tem aí pela frente, me diz? Que é que tem ninguém sabe, né?
1 – Sabemo, que tem gente que já viu. Tem palmeiras, árvore de não se acabá.
NICO – Palmeira e árvore e daí?

(CANTAM A CANÇÃO DAS DÁDIVAS DA NATUREZA)

9

TODOS: De toda forma e qualidade tem. Ôi tem
pindoba, imbiriba e sapucaia, tem titara, catulé, curicuri,
tem sucupira, supucais, putumuju..
tem pau de santo, tem pau d'arco, tem tatajubá,
sapucarama, canzenzé, maçaranduba, tem louro
Paraíba, e tem pininga

NICO – Pare meu irmão de falar em tanta mata
Com tanta planta eu não sei o que fazer
Mas diga lá se tem bicho pra comer
se tem bicho pra comer

10

TODOS: De toda forma e qualidade tem,
Onça pintada, sussuarana e maracajá.
Oi tem guará, jaguatirica e guarini.
E tem tatu, tatu peba, e tatu bola
Tem preguiça , tem quati, tamanduá.
E coelho que tem, tem, tem
Queixada que tem, tem, tem
Caititu, oi tem também, diz que tem, tem
E tem cotia, oi que tem, tem
E paca será que tem?
Oi tem preá, e quandá, será que tem?
Oi diz que tem, tem

11

NICO – Pára meu irmão de falar tanta fera
Com tanto bicho eu não sei o que fazer
um bichinho pra comer eu só quisera,
com tanto assim eles vão é me comer.

12

TODOS: Mas tem os peixes que ainda não falei
De toda forma e qualidade tem
Tem traíra, e tem cará e jundiá.
Tem caborge e tem plaba e carapó.
E pitu e caranguejo e aruá.

13

NICO – Mas também tem cobra que é um nunca se acabar
tem jacaré, cobra rainha e mussú,
tem caninana, tem jibóia e jericoá,
tem jararaca, cascavel, surucucu,
e papa ovo, e cobraverde, assim não dá.

14

MOÇAS: Mas tem sabiá, tem canário e curió
tem passarinho tão bom de se olhar,
Papa capim, cardeal e arumará,
E tem xexeu, guriatã e tem brejá.

15

MOÇOS: E se quiser comer galinha
tem de todas pra farta.
Tem pomba de três côco e tem pato mergulhão,
Aracuá jaçanã e tem carão.
Juriti, cardigueira, e paturi.

(Um ator simula o ruído do paturi – os outros estranham).

NICO – Mas e nessa abençoada região,
será que tem o que faz falta na verdade?

TODOS: O que é, o que é, o que é?

NICO – Me diga meu irmão, se nessa grande mata é possível , é possível ter mulher?

(Depois de uma pausa).

TODOS: Aí está uma coisa que não. (tristes)

16

NICO – Pois sendo assim, eu prefiro o cativeiro.

TODOS: Meu irmão está com toda razão.

– Vai lá Carengue e toma as providências – 20 negras! – 40! – Pra cada um!

SAMBA DO NEGRO VALENTE E DAS NEGRAS QUE ESTÃO DE ACORDO

17

Negra compreende que não dá, que não vai dar pé,
Viver só de valentia, é preciso ter mulher que nos faça companhia.

Negra não esperneie não,
que o negro sem sua nêga
já não pode ser um homem
pode não.

Só o verde da mata num dá
pra um homem ser feliz
é preciso ter mulher
pra saber o que se diz.

18

19

Liberdade somente não dá, – não!
pra se ter um bem viver,
sem o carinho da minha nêga
é melhor morrer.

20

21

ELAS – Pois é, de sinhô em sinhô,
eu prefiro meu nêgo que é da minha cor.
Liberdade somente não dá,
pra gente ser feliz
é preciso de um nêgo...

ELES – É preciso de uma nêga...

ELAS – É preciso de um nego
pra gente ser feliz.

(TIROS DOS BRANCOS EM BUSCA DAS NEGRAS ROUBADAS)

22

– Que foi?
– É os brancos vingando o roubo das escravas.
– Tomaram as vontade de nós.
– Cadê Carengue?
– Morreu.
– Salé?
– Morreu.
– Que se faz, gente?
– Sou pela volta. Melhor enfrentar libambo que sofrer assim nesse fim de mundo.
– É na briga que se pode ganhar.
– Que liberdade é essa se é preciso trabalhar?

ZAMBI: Para meu povo que quem fala agora é rei.

23

TODOS: Zambi.

ZAMBI: Rei de vós, rei dos negros que procuram ser livres. Quem quiser pôr a prova a força dos reis que venha.

TODOS: Dunga tará, sinherê!

ZAMBI: Ser livre não é encostar o corpo. Ser livre é poder trabalhar e vigiar e poder continuar sendo senhor de si. Quem procura na vida só o que é doce, não vai ter nem doce e nem fel e sem rezina, homem perdido pra vida, escravo no fato e na verdade.

TODOS: Dunga tará, sinherê!

ZAMBI: Pois que Zambi é rei, Zambi: vai dar as ordens. É no trabalho que um da gente pega o sol com a mão. É no trabalho que se faz o mundo mais de jeito. Em cada coisa que a mão livre do negro encostar, novas coisas vão nascer. Não vamos viver só das coisas já nascidas, das coisas que Deus deu. Vamos fazer o mundo mais de nosso jeito.

NICO – Viva a lei de Zambi.

TODOS: Dunga tará, sinherê!

24

ZAMBI: Se a mão livre do negro tocar na argila, o que é que vai nascer?

TODOS: Vai nascê pote pra gente beber.
nasce panela pra gente comer,
nasce vasilha, nasce parede.
nasce estatuinha bonita de se ver.

ZAMBI: Se a mão livre do negro tocar na onça, o que é que vai nascer?

TODOS: Vai nascer pele pra cobrir nossas vergonha, nasce tapete pra cobrir o nosso chão, nasce caminha pra se ter nossa ialê e atabaque pra se ter onde bater.

ZAMBI: Se a mão livre do negro tocar na palmeira, o que é que vai nascer?

TODOS: Nasce choupana pra gente morar,
e nasce rede pra gente se embalar
nasce as esteira pra gente deitar
nasce os abano pra gente abaná.

25

ZAMBI: Essa riqueza tem fonte e essa mão livre tem dono. Ajoelha quilombola que o dono mora nas estrelas. O rei agradece e seu povo concorda.

AVE MARIA

ZAMBI: Ave Maria cheia de graça. Olorum é convosco.
Bendito é o fruto de vosso ventre
Bendita é a terra que plantamos
Bendito é o fruto que se colhe.

CORO: Ave Maria, bendita seja
Ave Maria cheia de graça, Olorum.

ZAMBI: Bendito é o trabalho neste campo
Bendita é a água que se bebe
Bendita é a mulher de quem se gosta
Bendito é o amor e nossos filhos

CORO: Ave Maria, cheia de graça
Ave Maria bendito seja, Olorum.

ZAMBI: Bendita é a palmeira, o rio, o canavial
Bendito é o peixe que se come
Bendito é o gado que se come

CORO: Ave Maria cheia de graça
Ave Maria, bendito seja Olorum.

ZAMBI: Bendita é a caça e a flexa

CORO: Ave Maria, bendita seja

ZAMBI: Bendita é a enxada e a semente

CORO: Bendita seja, cheia de graça, Olorum

ZAMBI: Perdoai os nossos erros.

CORO: Ave Maria cheia de graça

ZAMBI: Perdoai, Ave Maria

26

Perdoai a morte que matamos
O assalto, o roubo,
Perdoai, Ave Maria, Olorum.

CORO: Ave Maria cheia de graça
Perdoai, Ave Maria, Olorum.

ZAMBI: Perdoai o nosso orgulho.
CORO: Perdoai, Ave Maria.
ZAMBI: Perdoai a fuga do cativeiro.
CORO: Perdoai, Ave Maria.
ZAMBI: Perdoai a nossa rebeldia
CORO: Perdoai, Ave Maria.
ZAMBI: Perdoai a nossa coragem
CORO: Perdoai, Ave Maria.
ZAMBI: Perdoai a fuga do cativeiro
CORO: Perdoai, Ave Maria.
ZAMBI: Perdoai as nossas dívidas
CORO: Perdoai, Ave Maria.

ZAMBI: Perdoai-nos Ave Maria. Assim como nós perdoamos os nossos senhores.

CORO: Perdoai, Ave Maria.
Ave Maria cheia de graça
Olorum, Amém, Amém, Amém.

27

PREÇO E PERDÃO

– Os senhores do Brasil perdiam seus escravos dia a dia, hora a hora, a cada instante. Cada peça em bom estado de saúde custava vinte mil réis. Dois ou três milhões de cruzeiros de hoje em dia, mais de mil dólares na cotação de ontem. Os senhores foram pedir socorro do governador da capitania de Pernambuco, Dom Pedro de Almeida, nomeado por sua Alteza, Deus Grande.

– Senhor, os negros são cautos e suspicazes, meu senhor.

– Cada dia crescem mais em número.

– Roubam nossos escravos com suas mulheres e filhos.

– Roubam nossas negras, senhor.

– As negras do nosso prazer eles as roubam para a sua devassidão.

– As negras cativas não foram aos Palmares senão furtadas, que de vontade livre ficariam conosco.

– As muitas os negros puzeram o punhal aos peitos.

– Já tomaram tanto o barlavento aos seus senhores que falam e cantam a fundação de Angola Janga, Angola Pequena.

– Senhor, bem sabeis que cada negro que morre é ouro que se perde.

28

DOM PEDRO – A hora e a glória de SA, que Deus guarde, exigem a recaptura desses negros foragidos. Que se faça já a conta dos gastos e se divida a soma por todas as cidades interessadas.

29

TESOUREIRO – 300 soldados, 200 arcos e 100 armas de fogo, total 700 mil réis, e mais 100$000 por mês para os mantimentos. Porto Calvo dará 350$, Alagoas 150$, Penedo de São Francisco 25$000, para as despesas gerais Porto Calvo dará 50$, Alagoas 50$ e Penedo de São Francisco 50$. Por cada presa recapturada, seu legítimo proprietário de obrigará a pagar a quantia de 12$000 de tomadia a exceção das presas menores de três anos pelas quais pagará o seu justo valor.

DOM PEDRO (Depois que saíram todos) – A honra e a glória de SA, que Deus Guarde e o equilíbrio orçamentário da capitania magnanimamente concedem o perdão a esses negros pecadores.

30

CANTADOR: E assim ficou provado pelo sim e pelo não
Que fujão recuperado custava mais ao patrão,
e pelas contas já feitas quem fugiu teve perdão
mais negócio ficou sendo fazer mais importação.

CORO: Navio chegando, chegando de lá,
com escravo apanhando até se fartar.
Escravo de monte de toda nação
pra um que fugia chegava um montão.

31

GERAÇÃO REAL

CANTADOR: Numa dessas má viagem
vinha um bom carregamento,
negro de real linhagem,
num terrível sofrimento
Ganga Zona aprisionado,
fala a alguém do seu tormento.

(CENA DO NAVIO NEGREIRO)

VOZ – Três nós a barlavento.
(Coro – faz o eco).
GANGA ZONA – E teu nome qual é?
GONGOBA – Gongoba, meu ganga.
GANGA ZONA – Num sou teu ganga só, hei de ser mais. O que fica prá nóis fazer é de importância.
GONGOBA – Nada fica, meu ganga. Daqui pra lém só pode ser de pior.
GANGA ZONA – Mesmo aqui nesse inferno de porão nóis conseguiu bastante.
GONGOBA – Um nada meu ganga. Coisa sem prosseguimento. Gongoba foi mulher de Ganga Zona e agora? Nem ser de Ganga num vou mais. Em se chegando, vai ser cada um pra branco diferente.
GANGA ZONA – Que é isso? Ialê de Ganga Zona com tal descrença? E os contos que se diz de Zambi?
VOZ – Marinheiros a postos.
(Coro – faz eco).
GONGOBA – Zambi é esperança!
GANGA ZONA – Zambi é pai do pai de eu. Zambi é avô de Ganga Zona e Reis. Reis de valentia que nunca vai ser bastante louvada, Zambi carregou negros de coragem e fundou terra livre no meio da escravidão.
GONGOBA – São contos meu ganga, cochicho de gente que quer se enganar pra escapar do banzo.
GANGA ZONA – Verdade que eu tenho no sangue. Em lá chegando se procura Zambi.
GONGOBA – Sonho de meu Ganga, é sonho bonito.
GANGA ZONA – Verdade pra minha ialê.
GONGOBA – Com sua licença eu choro.
GANGA ZONA – Chora não Gongoba, chora não. Mesmo sendo Ganga eu estou sendo de pouca valia, eu sei. Mas de nós alguém vai vir. Raça não se acaba nessa escuridão. Enquanto um de nós pude se ver com o outro... raça não acaba.
VOZ – Dois nós a barlavento!
(Coro – eco; movimento de ondas o tempo todo).

(GONGOBA CHORA; CORO AUMENTA. CANÇÃO PARA GONGOBA)

32

Pra você que chora
e sofre a tanto tempo amor
vou contar baixinho,
um sonho, que nasce de nós dois,
Um sonho lindo de nós dois
você vai ver, aí você vai ver
Surgir de nós
alguém que vai
ser bem mais que nós
ser o que não posso ser

Enxuga os olhos
não chore mais meu triste amor
pois deste abraço
é um rei que nova vida
vai trazer, você vai ver
aí, você vai ver surgir
de nós,
(Coro canta a partir daqui).

33

um rei que vai
ser bem mais que nós
ser o que não pude ser.

(CONSTRUÇÃO DE PALMARES)

34

Trabalha, trabalha, trabalha irmão
Trabalha, trabalha, de coração.
Palmares ta grande, Palmares cresceu,
com a força do braço do negro que sabe o que é seu.

Zambi que é rei sabe governar
e já fez coisas de espantar.
Zambi venha ver eu acabar
mais uma casa pra gente morar.

REFRÃO

35

– Salve Zambi.
– Salve Reis.

TODOS – Dunga tará, sinherê.

ZAMBI – Quilombola. Faz tempo que tudo nós pra cá veio. Foi vencida a dureza da mata e depois do primeiro muitos quilombo cresceu, e os quilombos reunido Palmares formou. Meu irmão ganga de quiloange.

– Presente meu reis.
ZAMBI – Quilombo de Arotirene.
– Presente meu reis.
ZAMBI – De Dambrabanga.
– Presente meu reis.

ZAMBI – Quilombola valente de Cerca do Amaro.

– Presente meu reis, sinherê.
ZAMBI – Irmão de Andalaquituxe.
– Presente meu reis, sinherê.
ZAMBI – Mocambo de Ataboca.
– Presente meu reis.
ZAMBI – Disse e vou dizer. Liberdade é o trabalho que dá e o trabalho só é livre quando se é dono dele. Fazendo ele pra nós e não nós pra ele como o branco quer.

REFRÃO

36

É pro negro se defender
do branco que vem pra invadir

uma paliçada eu vou fazer
e bem dura eu vou construir
Fure um fosso bem fundo irmão;
peque nos paus de penta em montão
espete no fosso de ponta pro ar
pra que fure quem queira chegar.

37

REFRÃO

– Êi negro moto, vem cá me ajudar com essas estacas.

– É gente trabalhando, e gente nascendo e gente batizando e gente desbatizando.

– Meu nome de escravo era João Romão.

38

– Em nome de Olorum pois fica sendo Ê-Bilai.
– Meu nome de escravo era Pedro.
– Em nome de Olorum pois fica sendo ÊTuriandú.
– Meu nome de escravo era Zé Firi.
– Em nome de Olorum pois fica sendo Ê Firiri.
– Num mudou quase nada...

REFRÃO

– Tem gente trabalhando, tem gente nascendo, tem gente crescendo e tem gente casando.

(CASALZINHO SE NAMORANDO)

39

– Êi, Segé, tu num casou ainda antes de ontem com a Milena?

SEGÉ – Foi.

– Pois que faiz tu aqui com a desconhecida?

SEGÉ – Casei inda gorinha. Agora são a Milena, Micoti, Rainha, Tariadá. E agora mais a Eforge. Dentro da lei e com todas as benção.

– Êi Palmares crescendo.

SEGÉ – As quatro de antes já estão com cria no bucho. Agora vou botar no buchinho desta aqui também.

REFRÃO

40

– Ai!
– Que foi bantú?
– Martelei o dedo.

REFRÃO

41

Trabalha de fato na plantação
que cada floresce e se pode vender
tem branco de monte querendo comprar
Liberdade do negro sabendo entender.

42

– A cidade branca de Porto Calvo quer comprar 300 feixes de cana, 100 partidas de argila trabalhada, uma carroça de cestos.

– A cidade branca de São Miguel 100 feixes de cana, 10 partidas de argila trabalhada, azeite, milho e hortaliça.

– A cidade branca de Serinhaém cana, azeite, argila trabalhada, milho, hortaliça e o que der mais na produção.

43

Branco comprando
negro vendendo,
branco trocando
negro se armando
Pra cada pote de argila
pra cada cana vendida,
se compra uma espingarda
pra defender nossa vida.

44

Negro vende e branco compra
branco vende e negro compra,
branco dá e negro dá,
é um danado de trocar.

A BONDADE COMERCIAL

CANTADOR:

E tanta riqueza Palmares produzia
que o branco começou a se comover
e no vende que vende e troca
até mesmo amigo do negro quis ser
E o branco comerciante
contava na cidade
ter pelo negro quilombola
uma grande amizade.

45

COMERCIANTES:

Nós os brancos comerciantes
sabemos ter muita amizade
pelo negro que trabalha
tão distante da cidade.
Queremos paz, prosperidade,
chega de raiva e de maldade,
de tudo um pouco nós compraremos
e muitas armas venderemos.
Pra que o negro não se sinta
tão sozinho no sertão
E quem é amigo sempre se entende
e bons preços conseguiremos,
e o negro nos compreende

e das armas tem precisão.

CANTADOR:

Mas pros donos das sesmarias
essa paz já não servia
e berravam na cidade
que só a guerra é que resolvia.

46

DONOS DAS SERMARIAS:

Nós os brancos senhores da terra
fiéis vassalos de Portugal
aqui chegamos, lutamos, vencemos
e desbravamos esse país.
O que aqui existe só a nós pertence,
aqui trabalhamos, nosso sangue correu
O negro trouxemos, o negro compramos
pagamos bom preço ao barão espanhol.
A paz que se pede com o negro rebelde
é paz enganosa, é pura traição.
Paz é quietude que trará sofrimento
é perda de ouro, da honra e de tempo.
Negro que foge é negro perdido
dinheiro guardado é não devolvido
Negro que foge é negro rebelde
é o grito de guerra de um mero cativo
A paz é a vitória, do subversivo.

– Viva a guerra!

COMERCIANTES:

Nós os brancos comerciantes
nos guiamos pela bíblia,
o livro santo diz ser pecado
matar o negro trabalhador.
Não deixaremos ser massacrado
o povo heróico e sofredor.

CORO DE NEGROS:

47

Trabalha, trabalha, trabalha irmão
que o branco vai nos defender,
contra o branco que nos que perder,
mas armas não é preciso não
por isso chega de comprar,
agora vamos só vender,
os preços temos de aumentar
o branco vai nos entender.

COMERCIANTES:

48

Nós os brancos comerciantes,
nos guiamos pela bíblia
o livro santo prevê este caso
no Evangelho de Ezequiel:
– Com a rebeldia não há concórdia.
Punir com firmeza é uma forma
de demonstrar misericórdia.

COMERCIANTES E DONOS DAS SESMARIAS:

– Nós os brancos, senhores da terra
– Nós os brancos comerciantes
Resolvemos sem santa união
dar fim ao povo ao povo rebelde
exterminar a subversão.

CORO:

O negro destruiremos (3 X)

49
DIÁRIO DE VIAGEM:

Atenção senhores: Diário de Viagem do Capitão João Blaer que no dia 1º de março partiu de Salgados com toda a sua gente a fazer uma entrada aos Palmares, a fim de destruir e reduzir ao cativeiro os negros rebelados. Com a palavra, Capitão.

50

CAPITÃO – Partimos no dia 1º. (I) No dia 2 topamos com um monte chamoda Elinga. (II) Ali caminhamos duas milhas e topamos com o rio chamado Sebauma, onde nossos índios fisgaram muitos peixes chamados Tairairais.

– No dia 3 topamos com o monte chamado Tamala onde pernoitamos. (III)

– No dia 4 topamos com um antigo engenho por nome São Miguel (IV) caminhamos uma milha pequena quando topamos com alguns mundéus (V) isto é, armadilhas de pegar caça, as quais porém estavam vazias. Mandamos nossos índios examinar se por ali havia pegadas de negros.

– No dia 5 topamos com um grande pássaro chamado Enijma, (VI) que em nossa língua quer dizer (VII) Pássaro de Chifre (IX). O capitão dos nossos índios o abateu com uma flexa e jantamos bem.

– No dia 6 continuamos em vão a caça dos negros.

– No dia 7 topamos com um monte chamado Taipou. (X)

– No dia 8 topamos com o rio Segou. (XI)

– No dia 9 topamos com dois montes alcantilados aos quais se dá o nome de Grasqua e continuamos a procura dos negros.

– No dia 10 topamos com os rios Parangabo, Parungabo e Paraíba.

– No dia 11 topamos com o monte Itabaúma.

– No dia 12 topamos com os negros (PAUSA). Cada negro!

51

Caminhamos toda a madrugada e no dia 13 estávamos de volta ao nosso povoado. Derrotadas.

CACOS OFICIALIZADOS

I – Oh captain, my Captain
II – J'adore les tropiques
III – Foi lá que se deu o crime da mala?
IV – Pour nous les français, c'est Saint Michel
V – Q'est que c'est bundéus?
– Eu disse mundéus, com M de...
– Mon Dieu!
VI – Quer parar? (Afrescalha de vez porque todos falam e não prestam atenção: bicha mesmo).
– Continuez s'il vous plait!
VII – Não sei se deva.
– Deva! Deva!
IX – Comme Le diable: au oiseau avec Le corne!
X – Escreve-se Taipou, mas lê-se Taipou (em inglês).
XI – Sou cul!

REFRÃO Trabalha

52

CANTADOR:

Enquanto tais sucessos
infernizam o Continente
o navio traz ao porto
de Zambi nobre parente.
Ganga Zona escravidão
de Gongoba separado
segue junto de sua gente
pra senzala acorrentado
sem saber que sua Gangoba
traz em si filho gerado
pelo amor que o ganga sente.

CAPATAZ – Adiante cambada, rijo nas pernas que tem caminho. Vocês até que tão com sorte cambada. Vão pras terras de D. Fernando que é homem de bom coração e nem sempre dá o trato que vocês merece. Mas comigo é bom ficar de sobreaviso. Não há escravo ladino que me passe a perna. E de riscar estas costas pretas com bacalhau, tenho até gosto. Adiante cambada, vá.

NEGRO – Meu ganga, Ganga Zona, meu Ganga.
GANGA ZONA – Fala baixo, ninguém precisa saber que acorrentaram um Ganga.
NEGRO – Essas terra são de tal lonjura que de lá ninguém consegue sair, meu ganga. E essa bondade de D. Fernando é mentirosa. Se atenção é escapar, só se for a caminho.
GANGA ZONA – Ta pensando nos impossível irmão. Não se conhece o terreno e os mosqueteiro que segue nós são de número e bem armado.
NEGRO – Eles não esperam a fuga por hora. Melhor morrer de bala que enfrentar cativeiro de D. Fernando. Conheço esse ofício, há 3 anos que vivo por esse mundo, vendido e mais vendido, um senhor mais pior que outro... Veja meu Ganga, praquelas bandas, Serra Barriga, por ali se estende Aruanda.
GANGA ZONA – Aruanda é bem mais longe, irmão.
NEGRO – Palmar é Aruanda, meu ganga, terra de negro livre, terra de Zambi, nossum reis.
GANGA ZONA – Palmar que se conta é aqui por perto?!
NEGRO – Pois bem ali pelos adentro...
GANGA ZONA – Ganhando a mata se tem esperança de chegar no quilombo?
NEGRO – Nos postos avançado, menos de dia se chega.
GANGA ZONA – Como é que tu sabe tanto?
NEGRO – Sou homem de Palmar... Zambi tem miles de nóis espalhado. Nossa honra é trabalhar pelas grandezas dos quilombo. Zambi já soube da vinda de seu neto e mandou que lhe servisse eu de guia até a estrada de Palmar... vontade de Zambi será feita mesmo que Ganga Zona não quizé.
GANGA ZONA – Olorum didê, meu irmão. Tô as tuas ordem guerreiro valente.
NEGRO – Tô com 15 homem avisado. Segura a corrente, meu ganga e passando junto ao feitor garre ele pelo pescoço com ela, vai ser sinal. Depois é ir com nóis.
GANGA ZONA – Seja.

53

CANTADOR:

E foi num de repente
que Ganga Zona aprisionado
por chamado de Zambi
conseguiu ser libertado
pela força de irmãos negros
ganhou a mata esperançado.
E lá vai Ganga Zona
Guerreiro neto de Zambi
em demanda dos quilombos
apressado a sorrir.
Seu guia vai ao seu lado
bem contente de servir
e ganga tão afamado
que lhe diz do seu sentir.

ORAÇÃO:

Por amor andei
Tanto chão e mar, senhor,
já nem sei.
Se o amor não é mais
bastante pra vencer,
eu já sei o que vou fazer:
meu senhor uma oração
vou cantar pra ver se vai valer
Laia, ladaia, sabatana, ave Maria.

54

FESTA

(AO TERMINAR A REZA ENTRA FLAUTIM COM MÚSICA SEISCENTISTA; SOBRE A SUAVIDADE DA MÚSICA ENTRA FIRME CANTADOR)

CANTADOR:

Enquanto Ganga Zona rezava
pra Deus nosso Senhor
festança grossa havia
no palácio do governador.

55

– Menina fremosa
que nos meu solhos andais:
dizei, porque mos quebrais

– Criei-me com meus cuidados
j'agora não saberia
andar noutra companhia.

– Olha, olha, quem vem.
– Quem é? Quem é?
– Dom Ayres Bezerra.
– Belo tipo.
– Lutou contra os negros o ano passado.
– É ele mesmo.
– Coitado. Morreram todos os seus soldados, só ele escapou. Era o capitão.
– Dom Ayres, permita-me cumprimentar um herói.

AYRES – Não há heroísmo que se mantenha adiante de tanta fremosura.

– E sois vós que o dizeis? Vós que tantas vezes enfrentasteis a morte?

56

AYRES – U'a morte hei de morrer,
que faz mais así, que así;
Isto não posso sofrer:
Haverem de se perder
os olhos com que vos vi.

– Já vai dar em cima do Ayres.

57

MORDOMO – Sua Excelência, o Governador Dom Pedro de Almeida.

– Oh, oh, oh! (Ajoelham-se todo) (Dom Pedro tem falta de ar, custa a falar, interrompe as frases no meio, dorme, é acordado – IMPROVISO).

DOM PEDRO – O valor das armas portuguesas foi suficiente para expulsar o invasor holandês. À glória de Portugal nada é impossível. Conquistamos terras e derrotamos invasores na metrópole e no além-mar. Nossos guerreiros tem fama que corre mundo. Pois tudo isso por que? Porque queremos a liberdade.

– Exatíssimo, Excelência.

DOM PEDRO – Há algo melhor que a liberdade? Não há. A liberdade é a glória de uma coroa, a glória dos bem nascidos (aqui ele erra e fala primeiro recém nascidos, o ajudante corrige). Mas pobres valores da nossa sociedade se se admite que o negro, naturalmente inferior, por vontade de Deus destinado ao cativeiro, que não o infelicita, mas ao contrário, o humaniza – a escravidão dignifica o negro! Integrando-o na sociedade na posição que lhe compete. Eis a ameaça que pesa sobre o Brasil.

– E veja Excelência. Esses negros, inferiores pela própria natureza, ameaçam construir uma sociedade bem mais aparelhada, produtiva e forte do que a nossa. É anti-histórico.

– Permita-me Excelência uma sugestão. Porque não promulgar uma lei radical que impeça o contato dos brancos com as negras? Será a única forma de acabar com essa imoralidade que é a mestiçagem.

AYRES – Um momento, um momento. Não sejamos tão radicais. Afinal de contas somos portugueses.

– Nossa obrigação é a de alertar todos os vassalos de Portugal contra o perigo da infiltração negra.
DOM PEDRO – Disseste bem, devemos preparar uma verdadeira campanha de arregimentação contra o perigo iminente. Às mulheres cabe grande parte dessa tarefa.

CONQUISTA DA OPINIÃO PÚBLICA

58

59

Cuidado, cuidado,
não se deixe enganar.
O perigo negro existe
o negro é um perigo para a nossa tradição
Você que se comove
pensando que o negro só deseja a paz
é um pobre enganado
pensando assim só ajuda Satanás.

Cuidado, cuidado,
protejam suas filhas
que os negros estão aí
não as deixe sem cuidado
os negros são malvados
E, seviciam-nas, escandalizam-nas
E, estupram, estupram, estupram.

– Deus te ouça, papai.

CANTADOR:

Numa fazenda num longe da mesma capitania
Havia escrava sofredora que apanhava e não fugia.
Era mulher de um ganga
o amor que Ganga Zumba queria,
Gongoba geradora
de um filho rei que crescia.
Ganga Zumba foi gerado
em noite temporal.

Gongoba saia do açoite,
mas para espanto geral
deu a luz um filho grande
sem dores e nenhum mal.

Filho de um ganga nascia
mas disto ninguém sabia,
pois a mãe fazia segredo de tal

Ganga Zumba já crescido
Só era chamado Antão
era rei desconhecido
e de ser príncipe sabia não

Foi então num belo dia
que Gongoba resolveu
dizer ao espanto que ouvia
da realeza sua razão.

Contou a Antão espantado
como nasceu num porão,
filho de Ganga afamado,
Ganga Zona seu patrão.

Fez-se silencia gelado
durante toda a narração.

GONGOBA – Assim foi, tu é filho de Ganga Zona, Zirimão dos reis cabaça de Aluda. Tu é Ganga também, filho. Num é aqui teu posto, já ta grandinho, meu ganga, e deve ir pra Palmar. Lá procura Zambi e aprende as arte das guerra e um dia todo esse povo tu vai governar, filho meu.

– Ganga Zumba tá cum nóis, Ganga Zumba, bisneto de Zambi.

TODOS – Dunga tará. Dunga tará sinherê.

– Gamga Zumba nasceu.

– É príncipe. Bisneto de Zambi.

– Já se foi moleque então. É Ganga Zumba que cresceu.

60

– Sinherê, meu pai. (TRECHO DE GANGA ZUMBA, ENTRADA DA SINHÁ).

CLOTILDE – Veja isso, feitor. A que se deve tanta malcriação e gritalhada.
FEITOR – Que foi, negrada? Que aconteceu pra tanta mexida?

(CORO SURDO COM REFRÃO DE GANGA ZUMBA).

CLOTILDE – Estão querendo castigo? Pois vão ter. É essa negra que não me dá sossego. Açoita essa negra descarada. Açoita até o amanhecer.

– Proteja a mãe de ganga.

61

GONGOBA – Peste de marafa. Mata eu que missão minha já cumpri.

(DOMINAM GONGOBA – CORO BAIXINHO “O AÇOITE BATEU)

CLOTILDE – O senhor vê, Padre, e eu tenho um coração tão fraco, que apesar das ofensas ainda sinto pena.
PADRE – A bondade excessiva é um pecadilho, senhora dona Clotilde. Afinal, uma reprimenda de vez em quando esses escravos merecem.
CLOTILDE – E estão cada vez piores. Antigamente dava gosto de ver: cada negro robusto, grande, forte, com os peitos nus, os braços rijos... As negras a gente já comprava com cria na barriga e era um atrás do outro. E como trabalhavam.
PADRE – Havia maior piedade cristã nos negócios D. Clotilde.

– Vai me desculpá, mas a escrava de nome Gongoba acaba de falecer.

CORO

O açoite bateu, o açoite bateu
bateu tantas vezes que o açoite matou.

CLOTILDE – Não é do preço que eu me queixo...
PADRE – O diabo é que essa negra morreu sem a extrema unção... Isso é que foi o diabo... Esse maldito desse feitor podia ter me avisado... eu ia correndo lá embaixo e pelo menos a extrema unção...
CLOTILDE – Sabe padre, meu coração é tão mole... Eu sinto até uma pitadinha de remorsos...
PADRE – Remorsos, senhora dona Clotilde? Remorsos não se há de tê-los por muito zelo para com aqueles que de nós dependem. Para a salvação das almas mais aproveita o castigo em sendo mais que em sendo menos. Em sendo mais, melhor pra eles que mais facilmente ganham o reino dos céus.
CLOTILDE – Mas morrer assim, sem religião...
PADRE – Pode ficar tranqüila. Vou correndo dizer ao bispo que a culpa foi toda daquele malvado do feitor. O bispo é compreensivo...
CLOTILDE – E me faça um favor. Passando pelo mercado, dê uma olhada e veja se tem lá uma negra boa, de muitos que fazeres para o serviço da casa.
PADRE – Pois não, senhora dona. Eu mesmo careço de uma que seja de serventia na casa paroquial.

(CORO AUMENTA “O AÇOITE BATEU”)

62

– E Ganga Zumba lá vai pela estrada...
– Ganga Zumba olá! Vai alegre de peito estufado...
– Psiu, num incomoda ele, é futuro Rei...
– Ganga Zumba tá sorrindo...
– Pensando em que?
– Sei lá, pode sê bem em Aruanda, pelo jeito tão esperançado...
– É coisa nenhuma, é em Palmares, tão só
– Ganga Zumba, cuidado, cuidado...
– O que é?

GANGA ZUMBA – Êi, cafunge da minha esperança, cresce logo fio, que a gente precisa e braço. Qual o que,

deixa está, que quando tu fô tão grande que possa entendê as coisa, elas vão sê diferente dessa de hoje...

Upa negrinho, na estrada
Upa pra lá e pra cá
Virge, que coisa mais linda
Upa, neguinho começando a andá
Começando andá, começando andá
E já começa apanhar

63

Cresce negrinho, me abraça
Cresce me ensina a cantá
Eu vim de tanta desgraça
mas muito te posso ensiná
Capoeira, posso ensiná
Ziquizira, posso tirá
Valentia eu posso emprestá
Mas liberdade, só posso esperá

64

MAGNANIMIDADE DO GOVERNO

(RUFAR DE CAIXA E FLAUTIM; DOM PEDRO DE ALMEIDA ESTÁ NO CENTRO RECEBENDO INFORMES)

65

– Senhor meu, numa emboscada dos negros, nas proximidades de Andalaquituxe, foram mortos 137 brancos.

– Meu senhor, suplico a Vossa Magnanimidade, toda a companhia sob o meu comando foi dizimada em luta com os negros as margens do rio Segou.

– Excelência, comunicamos que a cidade de Penedo de São Francisco está disposta a colaborar no combate aos negros enviando ao Tesouro da Capitania a importância de 200$000.

– Senhor meu, cumpre-nos comunicar que notícias oficiais dão conta de que até hoje, em toda a capitania, morreram em luta contra os quilombos dos Palmares, ... 27.638 soldados brancos.

– Mais de uma centenas de mulheres brancas foram raptadas...

– Muitas foram engravidadas.

DOM PEDRO – Eu Dom Pedro de Almeida, Governador desta capitania, pesando as circunstâncias e imbuído do melhor espírito cristão, ao rei Zambi ofereço a paz, terras para sua vivenda, comércio com o seu trabalho e mais suas mulheres e filhos em nosso poder. Qual a vossa resposta, embaixador de Palmares?
NEGRO – Nosso unreis Zambi, pesando as circuntança e nas benção de Olorum aceita a paz. Pode os morador se dar por seguro, as fazenda por aumentada e os caminho por desempedido.

ASSINARAM A PAZ

Assinaram a paz
será bom, será mau
só se sabe com certeza
que ninguém mais morrerá.

Chega de guerra e espanto,
vamos todos trabalhar,
Há muito o que fazer
Toca toca a comerciar.

Viva o nosso governador
Pedro de Almeida meu bom senhor
Salve Zambi da floresta
que é bom negociador.

Assinaram a paz
será bom, será mau
ninguém sabe o que será.

REALISMO POLÍTICO

(RUFO, FLAUTA E VIOLÃO AGRESSIVOS PRENUNCIANDO CANÇAÕ DE GUERRA)

ARAUTO – Em nome de sua Alteza real que Deus Guarde e da Coroa Portuguesa, faço saber a todos os moradores desta capitania que hoje, dia 1º de julho de 1788, hei por bem destruir a Dom Pedro de Almeida do seu cargo de Governador, para o qual nomeio Dom Ayres de Souza de Castro, dono e senhor de atos enérgicos e resolução.

66

CORO MEDROSO:

Passaram Dom Pedro pra traz,
passaram Dom Pedro pra traz,
será bom, será mal,
ninguém sabe o que será.

ARAUTO – Sua Excelência, o novo Governador, Dom Ayres de Souza de Castro.
– DOM AYRES – Senhores, da discussão nasce a sabedoria. Opiniões diversas devem ser proclamadas, defendidas, protestadas. O dever do Governador dessa Capitania é a todos ouvir, porém devem agir exclusivamente segundo lhe ordena sua própria consciência individual. Sejamos magnânimos na discussão, mas duros na ação. Plurais na opinião, singulares na obediência de minha ordem.
Descontentes haverá, e sempre. Um governo enérgico toma medidas impopulares de proteção à coroa, não aos insatisfeitos.
Meu governo será impopular, e assim, há de vencer, passo a passo dentro da lei que eu mesmo hei de fazer.
Senhores, vós guerreais como quem faz política. Eu farei política como quem guerreia. Vossas entradas são derrotadas pela pluralidade de opiniões e partidos de pensamento. Minhas entradas serão vitoriosas pela unicidade do ataque. A independência é necessária na teoria, na prática vigora a inter-dependência. Não é aqui, neste Brasil, que as decisões políticas devem ser

tomadas: é na Metrópole, nossa Mãe Pátria, a quem devemos lealdade, a quem devemos servir como vassalos fiéis. Nossos bravos soldados valentemente lutaram contra o estrangeiro holandês. Nossos heróis formavam um belo exército: já não necessitamos de exército. Necessitamos de uma força repressiva, policial. Unamo-nos todos a serviço do rei de fora, contra o inimigo e dentro.

CANTADOR:

Enquanto tudo muda
no mundo dos branco,
Ganga Zumba é aclamado
Em Palmares recém chegado.

67

– Ganga Zumba!
– Assinaram a paz!

(CORO CANTA “VENHA SER FELIZ” QUE SE INTERCALA COM CORO DOS BRANCOS)

Venha, venha ser feliz, ai venha,
largue o seu senhor e venha
venha que o amor só nasce aqui.
Venha que essa terra é nossa
e o trabalho é bom, sinherê!

Tenha paz no coração, sorria enfim
Venha que esta terra é santa e melhor não há, sinherê!
Aruanda pode ser a paz, mas não é pra já
Paz na terra é um nunca se acabar
do amor que a gente quer, ai venha
Vem meu bom irmão, vem ser feliz
Ganga Zumba é moço Ganga, é menino rei, Sinherê.

CANTADOR:

É justo neste instante, instante de espanto e emoção
que paramos nossa estória prá aliviar atenção
Temos nós nosso direito de dar descanso à falação
Tome café no barzinho que depois vem continuação.
Até já meu senhorzinho, se não gostou peço perdão,
Até já irmão, até já irmão.

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO
(RITMO, ATABAQUE)

68

CANTADOR 1:

E chega pois o momento
Por você tão esperado
de ter prosseguimento
a estória em bom contato
De Zumbi dos Palmares,
E do branco alvoroçado
Contra o quilombo negro
em grande guerra devotado

CANTADOR 2:

No Palmares reinava a paz,
e o trabalho era alegrado
por Ganga Zumba contente,
tipo do Ganga humorado.
na cidade porém havia
um plano bem preparado
de acabar com a alegria
desse negro desavisado.

CORO:

O nono Governador,
cheio de austeridade
fez nova proclamação
para a gente da cidade...

69

(RUFLOS E FLAUTIM)

DOM AYRES – Faço saber aos que esta carta patente virem que convém nomear um Capitão-Mor de Campo para, com gente armada, andar em seguimento aos negros fugidos e levantados. E como convém que a pessoa que houver de ocupar e resolução para – nas ocasiões que se oferecerem – prender, torturar, castigar e matar estes negros fugidos e levantados. Todas estas qualidades estão presentes em Fernão Carrilho, morador em São Miguel – que bem serviu sempre à Sua Alteza, que Deus Guarde, já tendo aprisionado mais de cem escravos e morto trinta e sete entre machos, fêmeas e crias menores de dez anos. Portanto, agora o elejo e nomeio Capitão-Mor para que, com a gente que lhe parecer, corra os lugares por onde houver notícia andam os negros e os prenderá, e quando se lhes resistam poderá matá-los livremente, conforme dispõe as leis.
ESCRIVÃO – E não diz mais a dita patente a qual eu, Pero Bezerra escrivão da Câmara, bem e fielmente tresladei.

CORO:

70

Nomearam um Capitão
Será bom, será mau
Ninguém sabe o que fazer.

De onde é, que fará.
e sei lá, não é bom
já não sei o que pensar...

Ca pra mim eu bem sei
é mais sangue a derramar,
vai a guerra começar.
CARRILHO – Capistrano! Reúne os quatrocentos homens que Dom Ayres prometeu!
CAPISTRANO – Senhor não!
CARRILHO – Como não?
CAPISTRANO – É impossível D. Carrilho.
CARRILHO – Por que?

CAPISTRANO – Porque não existem. Temos só 185...
CARRILHO – E o resto onde está?
CAPISTRANO – Pois é meu Capitão... São os homens de Serinhaem que não vieram...
CARRILHO – E não vieram porque?
CAPISTRANO – A cidade se recusa a mandar...
CARRILHO – Ah, é!? E os quatrocentos fuzis?
CAPISTRANO – Só cento e oitenta e cinco, senhor.
CARRILHO – O resto Serinhaem...
CAPISTRANO – Pois é, meu Capitão, se recusa a mandar.
CARRILHO – Sei!
CAPISTRANO – Além disso, meu Capitão, há notícia que estão faltando. E o próprio Ganga Zona está lá acertando o preço.
CARRILHO – Estupendo! Reúne a tropa que resta.
CAPISTRANO – Senhor sim, meu Capitão! Companhia, sentido! Capitão-Mor D. Fernão Carrilho!
CARRILHO – Soldados! O número não dá nem tira o ânimo aos valorosos. Posto que a multidão dos inimigos é grande, é também multidão de escravos e covardes, a quem a natureza criou mais para obedecer do que para resistir. Nossos inimigos vão pelejar como fugidos, nós os vamos buscar como senhores. Nenhum dos meus soldados defende o alheio, mas todos pelejam pelo próprio. Para o meu trabalho não quero outro prêmio além do bom sucesso. Meu intento é buscar maior poder, pois quero acabar ou vencer.
SOLDADOS – Abaixo Palmares! Morte aos negros!
CARRILHO – Dom Ayres, meu Governador, estamos prontos para a luta. Palmares será destruído!
DOM AYRES – A derrota de Palmares está próxima. No entanto, a primeira etapa desta luta definitiva para a moralização da Capitania será dirigida contra a traição. Nossa primeira campanha será contra a traidora cidade de Serinhaem!

71

CORO:

Branco contra branco
o que há, o que é, como é?
Assaltar Serinhaem,
no é bom, isso é mau
por que é?

Que pretende D. Fernão,
será bom, será mau,
ninguém sabe o que será!

DANDARA – Ganga Zumba!
GANGA ZUMBA – Oi!
DANDARA – Vem vê só o peixe que apanhei...
GANGA ZUMBA – Maior que o meu não é...
DANDARA – Maior sim, meu Ganga...
GANGA ZUMBA – Vem deixa de pescaria. Vem prá cá junto do seu ganga!
DANDARA – Tô aqui...

72

(CANÇÃO DE AMOR SEM LETRA)

NEGRO – Ganga Zumba, meu ganga... Perdoa irmão, os home do odiento, do tal do Capitão.
GANGA ZUMBA – Tão avançado?
NEGRO – Tão nada. Foram pro lado de Serinhaem. Não deixaram nem todo pra contá a história... Cabaram com tudo...
GANGA ZUMBA – Como é que é? Branco contra branco?
NEGRO – Sei lá. Deve ter sido por causa dos fuzil.
GANGA ZUMBA – Deve ser...
NEGRO – Tem mais. Pegaram Ganga Zona.

(CORTE RÁPIDO DE LUZ)

73

CORO – Pega o nêgo
Caça o nêgo
Mata o negro (4 vezes)

NEGRO – Mataram Ganga Zona, meu Ganga.
GANGA ZUMBA – Já contou a Zambi.
NEGRO – Já.
GANGA ZUMBA – Qual as ordens?
NEGRO – Nenhuma meu Ganga.
GANGA ZUMBA – Num mandou vingança?
NEGRO – Até agora não. Melhor que meu Ganga fale com nossum reis.
DANDARA – Zambi ta velho, meu Ganga. Só tu vai podê dar as ordem.
GANGA ZUMBA – Cala Dandara. Não fala assim de nossum reis. Nossum reis sabe o que fazê.
DANDARA – Só tu vai podê lutá.
GANGA ZUMBA – Si cala, já falei. Num si importa. Morte de Ganga Zona vai tê vingança.
DANDARA – Vai falá com Zambi.
GANGA ZUMBA – E foi na hora que nóis estava mais calado, no melhor viver da vida correndo. Pra nóis não tem descanso.

CORO – O açoite bateu
o açoite bateu
Bateu tantas vezes
que matou meu pai.

Ai, sol que já ta pra nasce
Nada de novo vai dá
Meu sonho de vida acabou
Nem teu amor vai me valer.

REFRÃO – O açoite bateu...
Não, não quero sei mais assim
Viver tão dentro de mim
Vou, vou procurar um amor
Feito de gente sem fim.
Eu quero só viver assim.

Vontade de existir
Ter modo de saber
o que a gente não tem
pra ser gente também.

CORO – O açoite bateu
o açoite bateu
bateu tantas vezes

que a gente cansou.

74

Tanto cansou, entendeu
Que lutar afinal
É um modo de crer
É um modo de ter
Razão de ser.

CORO – O açoite bateu
o açoite ensinou
bateu tantas vezes
que a gente cansou.

75

ZAMBI – Ei é Ganga Zumba, filho de Ganga que morreu. Com a morte de Ganga Zona tu é que nesse trono vai ser o próximo senhor. Tu e só tu, com tua força e tua coragem... Zambié veinho, veinho. De Zambi ta sobrando fama só, meu Ganga menino...
GANGA ZUMBA – Espero as ordens meu reis.
ZAMBI – Menino Zumba precisa subi nesse trono. Pra isso carece reis velho cufá primeiro. Pra governá teu povo, menino, presta atenção nos de mais idade; mesmo as ânsia dos moço precisa sê ouvida. Escuta bem, presta deixá quizila esfriá não! Branco que tome ferro nas tripa! Eles tem muito pra ensiná. Ensinaru pra num si falá com caridade pra inimigo nenhum; ensinaru matá; matá mulhé, matá filho, tomá casa, terra, ouro... Pega todo esse ensinado e faz dele um mote de gunverno... Aqueles sacana, filho, tem seu gunverno, gunverno de safadage, mas tem seu gunverno! Chama as criança dos Quilombo, todas elas. Das de peito às maior de já entendimento.

76

Eu vivo num tempo de guerra
Eu vivo num tempo sem sol
Só quem não sabe das coisas
É um homem capaz de rir.
Ai triste tempo presente
em que falar de amor e flor
é esquecer que tanta gente
ta sofrendo de dor.

Todo mundo me diz
que devo cume e bebê
mas como é que eu posso comer
mas como é que eu posso beber
se eu sei que estou tirando
o que vou comer e beber
de um irmão que está com fome
de um irmão que está com sede
de um irmão.

Mas mesmo assim eu como e bebo.
Mas mesmo assim, essa é a verdade.

Dizem crenças antigas
que viver não é lutar.
Que sábio é o que consegue
ao mal com o bem pagar.

Quem esquece a própria vontade,
quem aceita não ter seu desejo
é tido por todos um sábio.

É isso que eu sempre vejo
e é isso que eu digo Não!

Eu sei que é preciso vencer
Eu sei que é preciso brigar
Eu sei que é preciso morrer
Eu sei que é preciso matar.

CORO:

É um tempo de guerra, é um tempo sem sol.
Sem sol, sem sol, sem dó.

ZAMBI – Eu vivi nas cidades no tempo das desordem. Eu vivi no meio da minha gente no tempo da revolta. Assim passei os tempo que me deram pra vivê. Eu me levantei com a minha gente, comi minha comida no meio da batalha. Amei, sem ter cuidado... Olhei tudo que via, sem tempo de bem ver... Assim passei os tempos que me deram ora viver. A voz da minha gente se levantou e minha voz junto com a dela. Minha voz não pode muito mas gritá eu bem gritei. Tenho certeza que os donos dessas terra e Sesmaria ficaria mais contente se não ouvisse a minha voz... Assim passei os tempo que me deram pra viver.

CORO:

É um tempo de guerra, etc...

E você que me prossegue
e vai ser feliz a terra,
lembre bem do nosso tempo,
deste tempo que é de guerra.

É um tempo...

Veja bem que preparando
c caminho da amizade.
Não podemos ser amigos
Ao mal vamos dar maldade

É um tempo...

Se você chegar a ver
essa terra da amizade,
onde o homem ajuda o homem,
pense em nós só com bondade.

É um tempo...

77

ZAMBI – Essa terra eu não vou ver... (PAUSA LONGA) Ganga Zumba, segue os conselho do rei... Olorum Didê.

(SACA DE UM PUNHAL E SE FERE; LENTAMENTE CAI ENQUANTO A LUZ SAI EM RESISTÊNCIA; FLAURA DOCE; TODOS CANTAM A “MORTE DE ZAMBI”)

Zambi meu pai, Zambi meu rei,
Última prece que rezou
Foi da beleza de viver,
Olorum didê.
Longe, num tão longe além do mar
Meu rei guerreiro diz adeus a quem vai ficar

78

Diz pra sua gente não desesperar
Zambi morreu, se foi, mas vai voltar

79

em cada negrinho que chorar.

80

81

GANGA ZUMBA – Quilombola! Nossum Reis Zambi morreu abrindo as picadas para nossa liberdade. Os branco quer nós de joelho. Nós vamo ajoelhá os branco. Queremo terra onde o homem ajude o homem. E é preciso acabá com os Homem que esconde essa terra. Chamo todo meu povo prá lute, sem fim! Ganga Zona e Zambi serão vingado!
TODOS – Ganga Zumba é Zumbi! (3 vezes)

(CORTE NA LUZ: ABRE EM CENA DE DOM AYRES E MORDOMO)

82

MORDOMO – Dom Ayres, Sua Eminência o Bispo de Pernambuco...
DOM AYRES – Que entre.

(SAI O MORDOMO E ENTRA O BISPO)

BISPO – Que Deus o Guarde, meu Governador!
DOM AYRES – Sua benção, meu Bispo.
BISPO – Soube que V. Excia. elegeu o paulista Domingos Jorge Velho para comandar as entradas definitivas contra Palmares.
DOM AYRES – É exato, Eminência.
BISPO – Este homem é um dos maiores selvagens com que tenho topado. Quando se avistou comigo, trouxe consigo intérprete porque nem falar sabe; nem se diferencia do mais bárbaro tapuia mais que em dizer-se que é cristão. E não obstante o haver-se casado de pouco, lhe assistem sete índias concubinas e daqui se pode inferir como procede no mais; tenho sido a sua vida, desde que teve uso da razão, se é que a teve, porque se assim foi por certo a perdeu, e creio que não a encontrará com facilidade, uma série de vilanias, e ainda hoje anda pelos matos à caça de índios e de índias, essas para o exercício de suas torpezas e aqueles para os granjeiros de seus interesses; e os homens que com ele vão, são piores mesmo que os negros dos Quilombos. Em resumo Excia. esse é exatamente o homem que necessitamos.
MORDOMO – Capitão-Mór Domingos Jorge Velho.
DOM AYRES – Que entre.

(ENTRA DOMINGOS JORGE VELHO DESENVOLTO)

DOMINGOS – Salve, Governador... Ah, Eminência, há quanto tempo! Assim é que eu gosto, Estado e Igreja em perfeita harmonia! Só faltava o exército, heim?... Ha, ha, ha!
DOM AYRES – Fique a vontade, Capitão. Muito grato em saber que tão prontamente atendeu ao meu chamado. Gostaríamos de conhecer os planos da campanha.
DOMINGOS – Para os meus homens, quero os quintos das presas – quero dizer vinte por cento, justo? – e mais, sesmarias nas terras dos Palmares e quero oito mil réis para cada negro que fugido de meus homens volte com suas pernas aos seus senhores, e quero poder prender qualquer morador da Capitania que socorra os negros, seja pessoa de qualquer qualidade, e quero que V. Excia. perdoe os crimes que os paulistas que me seguem tenham porventura cometido, justo?
DOM AYRES – Razoável. Mas os planos de ataque?
DOMINGOS – Acalme-se... Quero ainda que V. Excia. ordene que nenhum criminoso seja preso se estiver comigo combatendo enquanto durar a campanha...
DOM AYRES (já aborrecido) – Certo. Mas os planos?
DOMINGOS – Muitos moradores, meus patrícios, estão vindo para o norte porque em São Paulo não há mais onde se plante e onde se lavre. V. Excia. me dará um paralelogramo de terra onde fundarei uma cidade com pelourinho e igreja onde se possa celebrar missa com decência; a alguma filha minha, ou a minha viúva, V. Excia. terá de conceder seis léguas e terra. Evidentemente, com as cláusulas costumeiras do dízimo a Deus.
BISPO – Neste particular, é certo que se tem dado mais terras do que se tem descoberto. Os homens as pedem com largueza e o Governador as dá com liberalidade. E assim não duvido que nos Palmares estejam dadas mais terras do que neles há...
DOM AYRES – Sim, mas os planos?
DOMINGOS – Ah, os planos?... os planos da campanha?
DOM AYRES – Sim, Capitão.
DOMINGOS – Bem, os planos são: conquistar a paz... por etapas... Que acha Eminência? (O Bispo faz um gesto ambíguo). Em primeiro lugar, como advertência, isolamos Palmares proibindo o comércio, o trânsito, a simples aproximação. Evidentemente, a pena imposta aos contraventores será a pena de morte. Se assim não conseguirmos a rendição desse... desse...
DOM AYRES – Ganga Zumba.
DOMINGOS (Depois de tentar repetir os nomes em vão) – Desse negro, evoluiremos para um novo tipo de guerra! Procuram-se os negros atingidos por doenças contagiosas. Febres, tísica, peste, varíola – construiremos grupos e os tangeremos a procura da liberdade em Palmares... Se ainda assim houver sobreviventes que insistam em não se entregar, faremos uma severa advertência, queimando e exterminando as populações dos quilombos mais próximos. Velhos, mulheres, crianças, todos... e se a estupidez chegar a ponto de nem assim conseguirmos a rendição, então será o extermínio total. Nenhum negro fugido ficará em vida. Teremos enfim, conquistado a paz!

83

DOM AYRES – Senhor Capitão, por várias vezes tenho dito que os paulistas são a melhor ou a única defesa que tem os povos do Brasil contra os inimigos do sertão. Por esta causa se fazem de toda a honra e mercê...

84

BISPO – Aos negros devemos acabar, pois vivem com tal liberdade, sem lembrança da outra vida e com tal sltura como se não houvesse justiça, porque a de Deus não a temem e a da terra não lhes chega. O hábito da liberdade faz o homem perigoso.
DOM AYRES – Capitão-Mór, Domingos Jorge Velho, é-nos uma honra contar com vossos préstimos. Que se dê início imediato ao plano de campanha.
DOMINGOS – É meu dever, Excia. Mas partir não posso se não tiver antes as bênçãos da igreja. Que se faça algum ato de religião para que patrocine o céu a jornada...
BISPO – E para que se saiba em toda a parte que Deus apóia os portugueses!

85

(O CORO VOCALIZA O INÍCIO DO RITUAL LITÚRGICO EM HONRA DA PRIMEIRA INVESTIDA DE DOMINGOS JORGE VELHO CONTRA PALMARES)

CORO:

Creio na vitória do bem
Que há de vencer a mldade.
Creio na vitória do bem
Quando é em nome da verdade.
Verdade é acabar com o negro.
Açoitar o atrevimento
de contra Deus se insurgir.
Somos de Deus instrumento.

Pois a terra que floresce
contra a lei contra a razão,
não tem bom florescimento
a não ser na nossa mão.

Se creio em Deus, creio no açoite
pois castigar é ajudar.
Creio que só castigado
o negro ao céu vai chegar.

CANTADOR 1:

E a sorte foi lançada,
o massacre ordenado.
Ganga Zumba procurava
ter seu povo animado.
Mil e uma emboscada,
Escaramuça se travava.
Ganga Zumba com bravura
pessoalmente comandava.

CANTADOR 2:

Ódio tomou conta das mata.
Só grito e dor lá se encontrava.
Morte, doença e aflição,
era só o que se contava.
Num quilombo mais distante,
negro pregador afirmava
ser Ganga Zumba enviado
desse Deus que o povo amava.

CANTADOR 3:

A luta de morte e decisão
que o rei Ganga ordenava
era determinação
desse Deus que assim mandava.

GANGA ZUMBA – Quilombolas! Tivemos tempos de paz e fertilidade. Chegou a hora porém de mostrar na luta o que nós quer e preza. Quilombola em arma, responde ao chamado do Reis, Meu irmão Ganga de Quiloange!

– Na luta meu reis!
– Quilombo de Arotirene!
– Na luta, meu Reis!
– De Dambrabanga!
– Presente meu Reis!
– Quilombola castigado da Cerca do Amaro!
– Na luta, meu Reis!
– Mocambo de Ataboca!
– Na luta, meu Reis!

Precisaru chamá gente de longe prá acabá com nós. Veio um Capitão de experiência e corage, escolado na maldade e sem nenhum ressentimento. Faz mal não! A gente mostra que pode enfrentá os daqui e os de lá!

CORO DO CULTO:

A pureza da vitória
Será bem vinda afinal
Quando o sangue derramado
Desses demônios do mal
Haja a todos liquidado.

86

SOLDADO 1 – Euzébio, tem água aí?
SOLDADO 2 – Para aí, não vamo desperdiçá.
SOLDADO 3 – Trabalho de bosta! Quando me falaram pra ser mosqueteiro, só disseram das beleza, não falaram nisso não.
SOLDADO 2 – Agüenta a mão e caminha...
SOLDADO 1 – Essa negrada ai ta toda empestiada. Isso pega!
SOLDADO 2 – É só não chegá perto. Daqui a pouco os bexiguento vão sumi por esses aquilombo...
SOLDADO 1 – Cada bexiga feia!... Pior é o fedor...

87

CORO DO CULTO:

Na guerra não damos quartel,
não nos comove a crueldade,
ao mostrarmos o punhal,
a Deus mostramos bondade.

CORO DOS NEGROS:

Ganga Zumba é Zumbi

GANGA ZUMBA – Reforça as paliçada, cerca o quilombo capital, cava os fosso e enche do que houve de mais venenoso. Veneno nas lança e nas flexa. Que as mulhé pegue as planta e que precisá.
NEGRO – Meu reis, meu reis! Tão soltando um magote de negro empestiado nos quilombo das fronteira! Tem bexiguento de acabá com uma nação!
GANGA ZUMBA – Pega uns home decidido e manda tudo de volta pros branco. Que se faça sacrifício pela saúde de nós!
DOMINGOS – Comigo é no rápido. Domingos Jorge Velho nunca foi de amamentar campanha. Cadê a indiada?
SOLDADO BRANCO – Trezentos índios dispostos, meu Capitão!
DOMINGOS – Que é que eles querem?
SOLDADO BRANCO – Só fumo e cachaça. Com boa porção eles vão até o inferno.
DOMINGOS – Perfeito. Boa gente essa. Carrega na maconha que são esses que vão morrer primeiro. Ataque final: Cerco de Quiloange, seguindo os índios, pões os criminosos, depois vamos nós, à cavalo. Em seguida, na retaguarda: padre, boticário e os tesoureiros. Vai ter muito trabalho para os tesoureiros. No fim vão os comerciantes, para que possam comerciar em paz. Entendido?
SOLDADO – Entendido, meu Capitão.
DOMINGOS – Alguma notícia das primeiras entradas?
SOLDADO – Vitória completa, meu Capitão!
DOMINGOS – Bom!

GANGA ZUMBA TUI TUI

CORO DO CULTO:

A guerra é uma ciência
onde não existe o bem nem o mal
Frieza, força e inteligência
conquistaram a vitória final.

TEMA DOS NEGROS:

Ganga Zumba é Zumbi (três vezes)

GANGA ZUMBA – Quilombolas! Tudo estão fazendo prá acabá com nóis e nóis resiste. Nossa esperança é lutá. Lutá sem descanso até não podê mais. Tão usando de tudo. Até mesmo a doença de nossa gente tão usando contra nóis. Mas nós resiste. É o que fica pra negro escravizado. Quilombo em luta, faço chamada de apelo! Meu irmão Ganga de Quiloange!

– SILÊNCIO.
– Irmão Ganga de Quiloange!
– ACORDE;
– Quilombo de Arotirene.
– ACORDE;
– De Dambrabanga!
– ACORDE;
– Quilombola valente da Cerca do Amaro!
– ACORDE.
– Irmão de Andalaquixute!
– Um homem presente, meu reis!
– Mocambo de Ataboca!
– ACORDE.

GANGA ZUMBA – Não responderu! Quisera ta nesse encontro em Aruanda. Mas me discurpe que ainda tem muito que fazê aqui. Aos que fica peguem nas arma e agüente o cerco no centro até que chegue o grosso das tropa deles. É ordem de Zumbi! Zumbi dos Palmar!

88

CORO: Pega o negro
caça o negro
mata o negro
mata o negro
mata o negro
mata o negro

TODOS – Ta perdido, Ganga Zumba. Se entrega pro cativeiro que é teu lugar!

89

GANGA ZUMBA – Quantos semos? QUANTOS SEMOS?

(INÍCIO DO TEMA DO “VENHA SER FELIZ” NO VIOLÃO)

GANGA ZUMBA – Eu vivi nas cidades no tempo da desordem. Vivi no meio da gente minha no tempo da revolta. Assim passei os tempo que me deru prá vivê. Eu me levantei com a minha gente, comi minha comida no meio das batalha. Amei sem tê cuidado... olhei tudo que via sem tempo de bem ver... por querer liberdade. A voz de minha gente se levantou. Por querer liberdade. E minha voz junto com a dela. Minha voz não pode muito, mas gritá eu bem gritei. Tenho certeza que os dono dessas terra e sesmaria ficaria mais contente se não ouvisse a minha voz... Assim passei o tempo que me deru prá vivê. Por querer liberdade.

90

TODOS – Por querer Liberdade!
GANGA ZUMBA (Gritando) – Tanto cansou...

TODOS – Entendeu que lutar afinal
é um modo de crer
é um modo de ter
razão de ser.

O açoite bateu, o açoite ensinou
bateu tantas vezes que a gente cansou!!!

ATOR – E assim, termina a estória que bem e fielmente tresladamos. Boa noite!

FIM